

Comunicación, Cultura y Política

María Belén Albornoz y Mauro Cerbino, compiladores

Comunicación, Cultura y Política



Índice

© De la presente edición:

FLACSO, Sede Ecuador
La Pradera E7-174 y Diego de Almagro
Quito - Ecuador
Telf.: (593-2) 323 8888
Fax: (593-2) 3237960
www.flacso.org.ec

Ministerio de Cultura del Ecuador
Avenida Colón y Juan León Mera
Quito-Ecuador
Telf.: (593-2) 2903 763
www.ministeriodecultura.gov.ec

ISBN: 978-9978-67-175-7
Cuidado de la edición: María Pessina
Diseño de portada e interiores: Antonio Mena
Imprenta: Crearimagen
Quito, Ecuador, 2008
1ª. edición: septiembre, 2008

Presentación	7
Prólogo	
Memoria y balance	9
<i>Héctor Schmucler</i>	
Introducción	15
<i>Belén Albornoz – Isabel Ramos</i>	
 PRIMERA PARTE: ALGUNOS DEBATES SOBRE TELEVISIÓN PÚBLICA	
Problemas para la televisión estatal en Latinoamérica. Reflexiones a partir del caso argentino	33
<i>Roberto Follari</i>	
La Reforma de Televisión Nacional de Chile y calidad de la política. Aprendizajes y nuevas perspectivas	47
<i>Valerio Fuenzalida</i>	
Venezuela: El lejano servicio público	67
<i>Andrés Cañizález</i>	
Onde está o negro na TV pública brasileira?	79
<i>Joel Zito Araújo</i>	

SEGUNDA PARTE:
COMUNICACIÓN Y POLÍTICA

Los movimientos sociales como sujetos de la comunicación	93
<i>Raúl Zibechi</i>	
¿Qué es una prensa pública?	109
<i>Emir Sader</i>	

TERCERA PARTE:
ESTUDIOS DE COMUNICACIÓN

Estudos de recepção na América Latina, hoje: a visão de seus pesquisadores	119
<i>Nilda Jacks y Daiane B. Menezes</i>	

El estudio de las audiencias en Centroamérica. Primeras coordenadas del mapa	131
<i>Amparo Marroquín Parducci</i>	

Audiencias y sociedad de información. Aproximaciones teóricas y metodológicas para el estudio crítico de audiencias y la Internet	147
<i>María José Calderón</i>	

CUARTA PARTE:
TIC Y SOCIEDAD

El culto a la información, imaginarios sobre tecnología	161
<i>Belén Albornoz</i>	

El móvil, artefacto ritual para exorcizar la otredad	173
<i>Rosalía Winocur</i>	

Cybercultura y las nuevas nociones de privacidad	191
<i>Belén Albornoz</i>	

Onde está o negro na TV pública brasileira?¹

Joel Zito Araújo²

Introdução

O rádio e o cinema tiveram um papel decisivo na organização dos relatos hegemônicos sobre a identidade nacional brasileira –e da maioria dos países latino-americanos– na primeira metade do século XX. A televisão ocupou progressivamente este lugar a partir de 1950.

Na reestruturação “modernizadora” do imaginário brasileiro, a produção televisiva contribuiu com um elogio permanente às características estéticas do segmento euro-descendente, reafirmando uma espécie de vitória simbólica da ideologia do branqueamento. Este construto, criado pelas elites do país no final da escravidão, norteou um universo ficcional com pretensa representação do real, marcado por personagens brancas, altas e magras, que nunca fez jus à maioria da população que circula pelas ruas das nossas metrópoles.

A estas considerações se somam outras, desenvolvidas no livro “A Negação do Brasil” (Araújo, 2000), que contém as conclusões de um

1 Este texto foi apresentado no Fórum Nacional de TVs Públicas em Brasília-DF, no dia 09 de maio de 2007. A pesquisa foi realizada por grupo de trabalho coordenado por Joel Zito Araújo e constituído por (no Rio de Janeiro): Flávia Santos de Oliveira, Luiza Botelho Almeida, Luis Carlos Alencar Filho, Márcio Alexandre M. Gualberto. Em Brasília: Rachel Quintiliano, Dalila Negreiros. Em São Paulo: Mídia e Etnia Ltda. O trabalho estatístico e os gráficos foram realizados por Luiz Marcelo Ferreira Carvano

2 Joel Zito Araújo é também autor e diretor do filme documental “A Negação do Brasil”, realizado em 2000.

estudo sobre a presença do negro na telenovela brasileira mostrando que atores e atrizes afro-brasileiras somente foram incorporados de forma regular na história da telenovela como representação de uma “natural” subalternidade racial e social, portanto, como estereótipos de si mesmos. A mais evidente negação de nossa diversidade racial pode ser observada na constatação de que atores afro-descendentes estiveram ausentes de um terço das telenovelas produzidas neste quase meio século de história do gênero, que desde 1963 se tornou o programa diário de maior sucesso da televisão brasileira. E nos outros dois terços, nunca ultrapassaram 10% do elenco escalado.

O mesmo estudo constatou que em nenhuma dessas obras se fez qualquer defesa da mestiçagem brasileira, e isto vale até mesmo para a adaptação da obra de Jorge Amado. O mulato foi sempre apresentado como feitor ou capitão do mato nas novelas escravocratas, ou como pequeno comerciante, delegado, subgerente e serviçal intermediário (mais interessado em subir na vida a qualquer preço, suportando a humilhação por sua origem “impura”), buscando evitar as referências a sua condição de mestiço e servindo às necessidades de controle do negro na sociedade. Portanto, simbolicamente, mesmo na representação de nossa miscigenação, persiste a idéia de superioridade do branco. E, assim, o espetáculo dos corpos miscigenados exibidos reiteradamente nas imagens carnavalescas do Rio de Janeiro transmitidas pela TV internacionalmente não encontra eco na telenovela, e tampouco foram representados ou celebrados como modelo racial ideal para o país.

Tendo este estudo como referência, realizamos uma pesquisa que procurou analisar dados concretos para compreender o universo específico da TV Pública brasileira, e elaborar proposições que permitissem enfrentar os desafios reais para a constituição de uma nova TV Pública, em termos de incorporação e representação da diversidade racial brasileira.

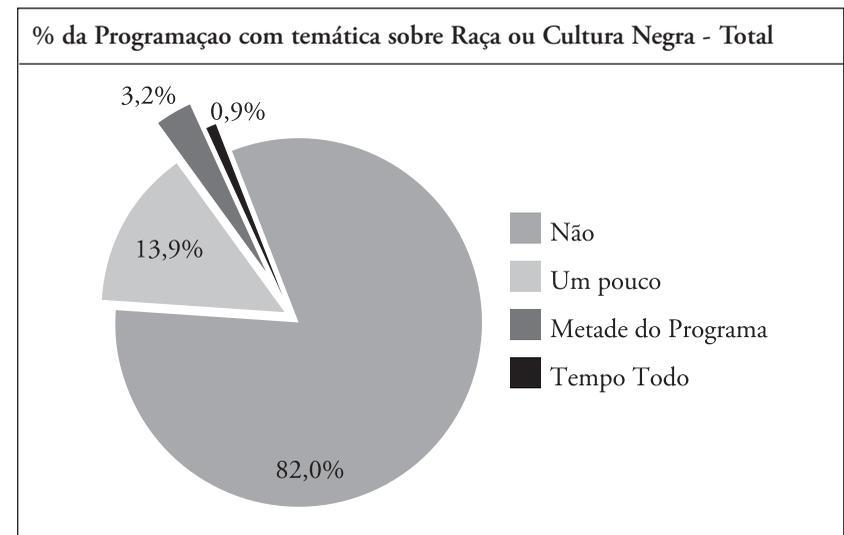
A opção metodológica que norteou o levantamento de dados foi gravar e decodificar uma semana de programação, acreditando-se obter com isto uma síntese do que é levado ao ar anualmente pelos canais de maior projeção na rede pública atual. Foi examinada a programação exibida entre 08 e 15 de abril de 2007, no horário compreendido entre

7:30 e 24 h, pelas TVs públicas brasileiras que atuam como cabeça de rede na distribuição nacional de programas educativos/públicos, com este critério selecionamos a TV Cultura (em suas imagens geradas para São Paulo-capital), TVE Brasil (em suas imagens geradas para o Rio de Janeiro-capital) e pela TV Nacional/sistema Radiobrás (em suas imagens geradas para Brasília-DF).

Os gráficos a seguir sintetizam os primeiros resultados apurados, com foco exclusivo sobre a programação não-ficcional.

O objetivo deste trabalho é, retomando os propósitos da pesquisa, contribuir para uma redefinição conceitual –e de conteúdos– da nova TV Pública que esta em processo de criação no Brasil prevista para ser lançada em dezembro de 2007, uma iniciativa do Governo do Presidente Luis Inácio Lula da Silva, que não repita antigos erros no que diz respeito à negação de multiracialidade e multiculturalidade, na caracterização de nosso país.

Diversidade étnico-cultural nos programas não-ficcionais exibidos pelas tvs públicas



A população negra e a cultura afro-descendente são sub-representadas na TV. A programação atual das TVs Públicas expressa um baixo perfil de reflexão sobre o pluralismo cultural brasileiro. Ela deixa especialmente de incorporar as matrizes étnico-raciais negra e indígena, vertentes que imprimiram, na fusão com a cultura européia, a originalidade da cultura brasileira e o grande patrimônio simbólico deste país.

Conceitualmente, em nosso processo de classificação buscar definir como programas que trataram da temática raça ou cultura negra aqueles que mencionaram direta ou indiretamente os elementos caracterizados como pertencentes à cultura negra brasileira ou estrangeira (religiosidade, comida, música, dança, folclore etc). Um bom exemplo de nossa flexibilidade neste processo de classificação foi um programa de entrevista com uma banda de rock brasileiro, que assistimos na TV Nacional de Brasília, que classificamos na categoria “um pouco”, no que diz respeito à abordagem da cultura negra, porque o líder euro-descendente do grupo citou apenas, em um programa de uma hora de duração, que produzia “um som” com muita influência do blues. Tais elementos foram suficientes para, positivamente, considerarmos que o programa de alguma forma citou a cultura negra, mesmo que diaspórica, e de passagem.

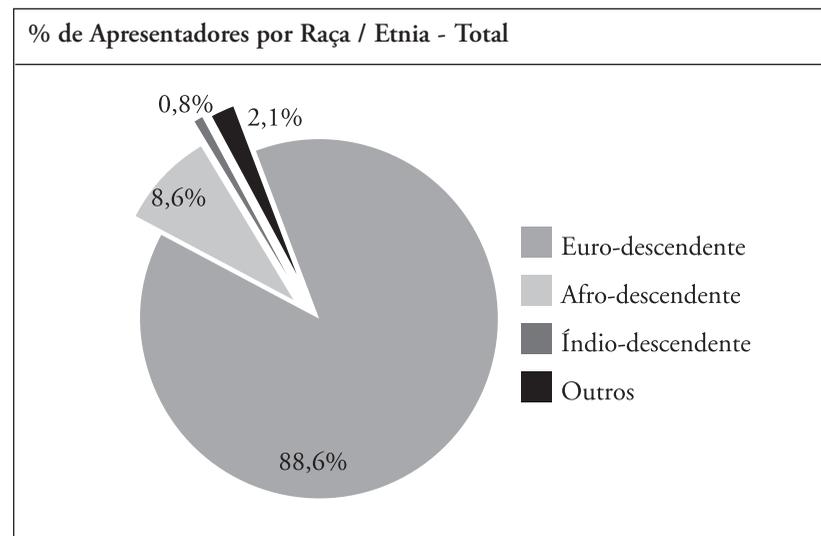
Devemos observar que:

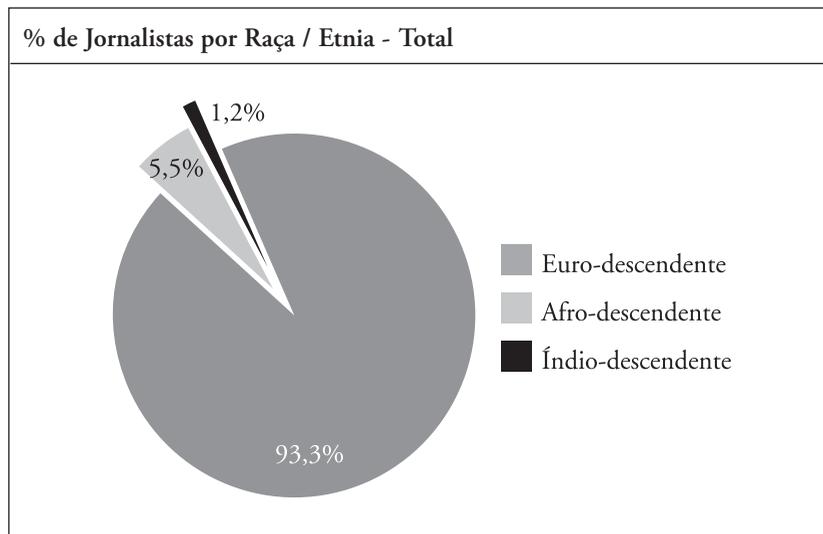
- No gráfico que totaliza a programação dos 03 canais em uma semana, a percentagem de 4,1% corresponde à somatória de programas que tiveram efetivamente como foco a cultura negra brasileira ou histórias pessoais e variadas de afro-descendentes. Em 13,9% da programação, foi identificada a categoria “um pouco”, ou seja, apenas referências rápidas sobre aspectos variados relativos a elementos de contribuição cultural de afro-brasileiros ou da afro-diáspora.
- Nos *talk-shows* 4/5 (quatro quintos) dos convidados foram pessoas euro-descendentes. Por exemplo, a TVE Brasil (que tem sua sede nacional no Rio de Janeiro, mas alimenta uma parte considerável da programação nacional da rede pública brasileira) apresentou 71 convidados euro-descendentes, 13 afro-descendentes e apenas 01 índio-descendente. Na TV Nacional foram 95 euro-descendentes

convidados, 10 afro-descendentes e nenhum índio-descendente. O mesmo padrão foi apresentado pela TV Cultura (que têm uma presença com similar importância à TVE Brasil na programação nacional das TVs Públicas brasileiras). Entretanto, mais grave foi perceber que em todos os canais foi impossível identificar qualquer apresentador do gênero *talk-show* que não fosse do segmento racial euro-descendente.

- Em 172 programas de variedades que foram exibidos durante a semana, somente 03 tiveram a cultura negra como tema principal, o que significa menos de 1% da programação semanal; em 3,2% de toda programação (9 programas exibidos) a temática afro-descendente ocupou a metade do programa; e em 22 programas (13,9%) constatamos apenas citações ocasionais.

Presença de apresentadores e jornalistas negros na programação não-ficcional





Apresentadores e jornalistas afro-descendentes são representados como minoria étnico-racial do país. Os gráficos aqui exibidos são contundentes na demonstração do lugar minoritário de afro-descendentes no corpo de apresentadores/as e jornalistas da atual rede pública de televisão.

Embora tenhamos constatado que afro-descendentes são escalados para os telejornais, não somente como parte do time de jornalistas, mas também no espaço de maior evidência, como apresentadores/as, o que se verifica é que as TVs Públicas não superam o universo das TVs privadas e repetem a ausência de apresentadores/as afro-descendentes nos *talk-shows* e programas de auditório, gêneros que, por seu conteúdo, permitiriam a incorporação de maior segmentação temática.

Entretanto, exibir, ao longo de uma semana de programação, euro-descendentes ocupando 86% do posto de apresentadores/as e 93,3% no posto de jornalistas, nos parece ser uma hiper-representação deste segmento racial quando os resultados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE), realizada em 2006, revelam que somente 49,7% dos brasileiros se declaram de cor branca. Este fenômeno é um reflexo da ausência de políticas públicas para assegurar o direito democrático de

todo segmento populacional ter seus semelhantes, com as mesmas características ético-raciais, fonte fundamental de auto-estima, ocupando postos relevantes e altamente valorizados nas redes de TV brasileiras.

Primeiras conclusões

Há uma intenção mais ou menos óbvia, ao apresentar esses primeiros resultados de nossa pesquisa, de ajudar a construir um novo conceito de representação racial em que afro-descendentes e índio-descendentes possam ser naturalmente e orgulhosamente incorporados/as nas representações da realidade brasileira.

Cabe ao poder público, neste momento histórico de redefinição e fortalecimento da TV brasileira –projeto realizado com recursos da população– enfatizar o peso do que sempre foi negado. Assim, estaremos estabelecendo um novo patamar, em que se apresenta a imagem equilibrada e justa de um país que deve orgulhar-se de ser o que é: um grande mosaico de raças e culturas. Espera-se que agentes sociais e atores culturais desses dois grupos étnico-raciais sejam regularmente incorporados na representação de brasileiros/as e não como estereótipos negativos.

O lugar minoritário de afro-descendentes constatado em nossa pesquisa, especialmente neste momento em que o presidente da República é assumidamente o mais legítimo e característico biotipo de homem do sertão nordestino brasileiro, incita uma indagação a respeito da televisão brasileira: deverá ser mantida esta idealização do país tendo como referência a realidade restrita dos segmentos mais favorecidos, majoritariamente composta pelo segmento branco? Não se estaria assim perpetuando a recusa em refletir a riqueza de nossa diversidade étnico-racial? (usamos este conceito não no sentido biológico, mas sócio-político).

Ao examinar os conteúdos veiculados na programação não-ficcional (e considerando que foram excluídos deste primeiro relato os programas infantis), em 01 semana de programação constatamos esta predominante cumplicidade temática com o universo das classes médias, em sua maioria

euro-descendentes, e a reiteração simbólica da ideologia do branqueamento. Os diferentes segmentos vivos e pulsantes da cultura popular das diferentes regiões do país, especialmente os que espelham maior influência do imaginário negro e indígena, quase não têm relevância e são retratados a partir de um olhar euro-descendente de classe média urbana, na maioria das vezes com origem no eixo Rio-São Paulo. Há, portanto, um choque entre a vida real de uma minoria que tem mais acesso aos produtos culturais versus a vida real das pessoas que continuam excluídas dos bens culturais de consumo.

É preciso que se faça, no Brasil, uma reflexão séria sobre essa disparidade entre a vida real e o que aparece na TV, e suas profundas consequências no processo de auto-estima dos segmentos afro e índio-descendentes da população.

Não se pode ignorar que, quando afro-descendentes vêm na TV uma representação subalterna e estereotipada do seu grupo racial, recebem a mensagem de que seu segmento racial e populacional é secundário para o país e para a sociedade, e está predestinado à subalternidade.

Devemos, portanto, refletir sobre o que deve ser feito para produzir mensagens opostas. Assim, no futuro, quando nossa juventude afro e índio-descendente passar a enxergar pessoas de todas as raças empregadas em diferentes ocupações, inclusive nas que são altamente valorizadas e respeitadas, a TV Pública estará contribuindo para quebrar os estereótipos negativos que perseguiram as gerações que lhes antecederam.

A título de ilustração sobre as reflexões e demandas existentes no segmento artístico afro-brasileiro que apontam proposições para o futuro das TVs Públicas brasileiras, resgatamos trechos do Manifesto apresentado por atrizes, atores e diretores negros no Festival de Cinema de Recife, no ano 2000 (apoiado e assinado por grande parte dos artistas euro-descendentes presentes ao evento):

Nós, artistas afro-brasileiros, reunidos aqui em Recife por iniciativa do 5º Festival de Cinema, vimos a público declarar que:
Este manifesto é uma atitude de denúncia. Expressamos o fim da nossa paciência com a persistência em nossa indústria audiovisual (TV, cinema e publicidade) da cota de segregação existente que não consegue oferecer

mais de 10% de trabalho para atores, atrizes, apresentadores e jornalistas negros em seus programas, filmes e peças publicitárias. A invisibilidade e a falta de reconhecimento dos atores negros demonstram por parte dos produtores uma completa ignorância do impacto negativo dos seus produtos nos processos de auto-estima da população negra e indígena do nosso país, em especial de nossas crianças. Expressamos, assim, o nosso descrédito com a capacidade das entidades associativas ou autorreguladoras de publicitários e produtores de TV de, espontaneamente, tomar iniciativas que ponham fim a injustiça histórica que nos condiciona a uma ínfima presença nas imagens produzidas sobre o Brasil. Este manifesto é também uma proposta de aliança ampla geral e irrestrita entre negros, índios, brancos e amarelos, na mudança do conceito estético excludente que prevalece em nossa produção audiovisual, que apresenta o branco como o único ideal de beleza para o nosso país, desprezando a riqueza de nossa multiracialidade. É, portanto, uma proposta de alianças com diretores, roteiristas, produtores de elenco e diretores de arte para a criação de uma nova estética para o Brasil, que valorize o colorido dos nossos tons de pele e da diversidade da arte inspirada nas manifestações de nossa pluralidade étnica, regional e religiosa.

Portanto, tomando todos estes elementos em consideração, levantamos alguns desafios fundamentais para a nova TV pública brasileira:

- Como a TV Pública pode ajudar a TV Brasileira a superar o padrão estético fundado na promoção da branquitude como representação natural do ser humano, criando assim um novo modelo baseado na diversidade étnico-racial?
- Como a TV Pública poderá dar um salto de qualidade, estabelecendo um compromisso efetivo em refletir nossa rica diversidade cultural étnico-racial?
- Que medidas devem ser desenhadas para assegurar a inclusão do segmento negro na produção de programas atendendo à proporcionalidade real entre euro-descendentes, afros e índio-descendentes do nosso país?

- Como incorporar esses novos atores culturais e políticos afro-descendentes nos processos de gestão de uma nova TV Pública?
- Como assegurar que as demandas dos agentes culturais ativos da comunidade negra sejam ouvidos e incorporados na programação, e que façam parte dos escolhidos para refletir e opinar sobre a realidade social e cultural do país?
- Como fazer com que a TV Pública seja organicamente ligada também às expressões culturais negra e indígena do país, e não somente com o universo das classes médias euro-descendentes?
- Como assegurar que o financiamento da TV Pública também atenda esta nova intencionalidade e compromisso em refletir nossa rica diversidade de expressões culturais dos diferentes segmentos étnico-raciais, assegurando fundos para programas voltados para a auto-estima e valorização das populações afro-descendentes e índio-descendentes?

Rio de Janeiro, Maio de 2007

Referencias bibliográficas

- Araújo, Joel Zito (2000). *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*. São Paulo: Editora Senac São Paulo.
- _____. (2007). *O Negro na Telenovela Brasileira: Uma Síntese*. Em: Niyi Afolobi, Márcio Barbosa, & Esmeralda Ribeiro, editores. *The Afro-Brazilian mind: contemporary Afro-Brazilian literary and cultural criticism* / Pgs 257-270. Trenton, NJ. Africa World Press, Inc.
- _____. (2007). "Le noir dans les feuilletons télévisés". In: *Cinémas d'Amérique latine – Revue annuelle de l'Association Rencontres Cinémas d'Amérique Latine de Toulouse-(Arcal)*. - no. 15. pags 17-27.
- Bento, Maria Aparecida (1997). "Mulheres negras e branquitude". In *Revista Faça a coisa certa!* Encarte da Revista Teoria e Debate. n. 31, pp: 17-21. São Paulo.
- Borges pereira, João Batista (1967). *Cor, profissão e mobilização. O negro e o rádio de São Paulo*. Pioneira/EDUSP. São Paulo.
- _____. (1983). "A folclorização da cultura negra no Brasil". In: Eurípedes Simões de Paula, in *Memoriam*. FFLCH da USP, pp. 259-265. São Paulo.
- Brookshaw, David (1983). *Raça e cor na literatura brasileira*. Trad. Marta Kirst. Mercado Aberto. Porto Alegre.
- Couceiro de lima, Solange M.(1983). *O Negro na televisão de São Paulo: um estudo de relações raciais*. FFLCH-USP. Série Antropologia. São Paulo
- _____. (1996/1997). *Reflexos do "racismo à brasileira" na Mídia.S.P. Revista Usp*. Dez Jan,fev. no.32. São Paulo
- Debs, Sylvie (2002). *Cinéma et littérature au Brésil. Les mythes du sertão:émergence d'une identité nationale*. L'Harmattan. Paris
- Munanga, Kabenguele (1997). *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. Identidade nacional versus identidade negra*. Tese de Livre-Docência em Antropologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.
- Nogueira, Oracy (1979). *Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais*. T. A . Queiroz. São Paulo

- Ortiz, Renato (1985). “*Cultura brasileira e identidade nacional*”. Brasiliense. São Paulo.
- _____ (1988). *A Moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. Brasiliense. São Paulo.
- _____ (1992). *Românticos e folcloristas. Cultura Popular*. Olho d’água. São Paulo.
- Ortiz, Renato, borelli, Sílvia Helena Simões e RAMOS, José Mário Ortiz (1989). *Telenovela: história e produção*. Editora Brasiliense. São Paulo.
- Piza, Edith (1998). *O Caminho das Águas: Estereótipos de Personagens Negras por Escritoras Brancas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. Com-Arte.
- Rodrigues, João Carlos (2001). *O negro brasileiro e o cinema*. Pallas. Rio de Janeiro.
- Santos, Gislene Aparecida dos (2008). *A invenção do ser negro: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros*. São Paulo: Educ / Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas.
- Subervi-velez, Federico e oliveira, Omar (1991). *Negros (e outras etnias) em comerciais da televisão brasileira: uma investigação exploratória*. Revista Comunicação e Sociedade. Ano X, (agosto) n. 17. São Paulo.